

Reflexões dos Agentes de Combate as Endemias sobre a Formação em Abordagem Eco-Bio-Social: Inovação na Prática de Controle Vetorial*

REFLECTIONS BY AGENTS TO COMBAT ENDEMIES ON TRAINING IN ECO-BIO-SOCIAL APPROACH: INNOVATION IN VECTORIAL CONTROL PRACTICE

REFLEXIONES DE LOS AGENTES PARA COMBATIR LOS ENEMIGOS EN LA FORMACIÓN EN EL ENFOQUE ECO-BIO-SOCIAL: INNOVACIÓN EN LA PRÁCTICA DE CONTROL VECTORIAL

Renata Borges de Vasconcelos,

Kellyanne Abreu Silva,

Helida Melo Conrado Fernandes,

Maria Rocineide Ferreira da Silva,

Antonio Rodrigues Ferreira Júnior,

Andrea Caprara

RESUMO: As arboviroses dengue, chikungunya e zika têm levantado questionamentos em torno dos métodos utilizados para o controle do *Aedes aegypti* pelos agentes de combate às endemias (ACE), demandando investimento em formação com enfoque em estratégias inovadoras para o controle do vetor. Objetivou-se analisar as reflexões dos agentes de combate as endemias sobre a inovação na prática de controle vetorial. Pesquisa realizada em Fortaleza, Ceará, em 2018, com 20 ACE, por meio de entrevistas individuais semiestruturadas. As falas foram gravadas e analisadas mediante a análise temática. A formação trouxe conhecimentos novos, e atualizações sobre o vetor desconhecidos por eles. Despertou os ACE para o envolvimento social e para o trabalho em equipe. Eles acreditam ser possível implementar a abordagem EBS na sua rotina de controle do *Aedes aegypti*. Faz-se necessário que as agências governamentais municipais formem os ACE de maneira a prepará-los para realizar práticas educativas e ambientalmente sustentáveis efetivas junto à população, tendo em vista que o conhecimento associado a ação se faz condição necessária para a introdução de ações EBS no campo prático de controle do *Aedes aegypti*.

Palavras-Chave: Controle vetorial, Arboviroses, Formação profissional, Agente de combate às Endemias.

ABSTRACT: The dengue, chikungunya and zika arboviruses have raised questions about the methods used to control *Aedes aegypti* by agents to combat endemic diseases (ACE), requiring investment in training with a focus on innovative strategies for vector control. The objective was to analyze the reflections of agents to combat endemics on innovation in the practice of vector control. Research conducted in Fortaleza, Ceará, in 2018, with 20 ACE, through semi-structured individual interviews. The statements were recorded and analyzed by means of thematic analysis. The training brought new knowledge, and updates on the vector unknown to them. It awoke the ACE to social involvement and teamwork. They believe it is possible to implement the EBS approach in their *Aedes aegypti* control routine. It is necessary that the municipal government agencies form the ACE in order to prepare them to carry out effective educational and environmentally sustainable practices with the population, considering that the knowledge associated with the action is a necessary condition for the introduction of EBS actions in the practical field of control of *Aedes aegypti*.

Key Words: Vector control, Arbovirus infections, Professional Training, Endemic Diseases.

RESUMÉN: Los arbovirus del dengue, el chikungunya y el zika han planteado preguntas sobre los métodos utilizados para controlar el *Aedes aegypti* por los agentes para combatir las enfermedades endémicas (ACE), lo que requiere una inversión en capacitación con un enfoque en estrategias innovadoras para el control de vectores. El objetivo fue analizar las reflexiones de los agentes para combatir las endémicas sobre la innovación en la práctica del control de vectores. Investigación realizada en Fortaleza, Ceará, en 2018, con 20 ACE, a través de entrevistas individuales semiestructuradas. Las declaraciones fueron registradas y analizadas mediante análisis temático. La capacitación trajo nuevos conocimientos y actualizaciones sobre el vector desconocido para ellos. Despertó a ACE con la participación social y el trabajo en equipo. Creen que es posible implementar el enfoque EBS en su rutina de control *Aedes aegypti*. Es necesario que las agencias del gobierno municipal formen el ACE para prepararlas para llevar a cabo prácticas educativas y ambientalmente sostenibles efectivas con la población, considerando que el conocimiento asociado con la acción es una condición necesaria para la introducción de acciones de EBS en el Campo práctico de control de *Aedes aegypti*.

Palabras clave: Control vectorial, infecciones por Arbovirus, capacitación profesional, Agente para luchar contra las endémicas.

*Extraído da dissertação de mestrado intitulada “O PRAZER DE CONHECER E QUE FEZ UM NOVO RAIOS DE SOL BRILHAR EM NOSSO AMANHECER”: os sentidos atribuídos a formação eco-bio-social para o controle do *Aedes aegypti*. Apresentada ao Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual do Ceará – UECE em 2019.

INTRODUÇÃO

As arboviroses Dengue, Zika e Chikungunya transmitidas pelo *Aedes aegypti* são consideradas uma das principais causas de problema de saúde global. A sua complexidade e impacto na saúde das pessoas têm levantado preocupação e levado as agências governamentais mundiais a repensar formas de controlar o vetor, tendo em vista o impacto social e econômico para os sistemas públicos de saúde. ¹

Com o ressurgimento da dengue e a introdução da Zika e Chikungunya no cenário atual brasileiro, o Ministério da Saúde (MS) é movido a planejar novas estratégias de contenção do *Aedes aegypti* efetivas, participativas, intersetoriais e que tragam respostas para o controle do vetor, tendo em vista que as ações desenvolvidas até o momento não foram capazes de controlar a disseminação do mosquito, implicando em episódios ininterruptos de surtos. ²

O aumento da densidade do vetor, principalmente nas cidades do nordeste brasileiro, região com condições ecológicas, biológicas, sociais econômicas, culturais e políticas de vulnerabilidade para a sua proliferação, reafirma a falência do sistema de controle vetorial do país. ³

Utilizar a pulverização de inseticidas, principal ação implementada para enfrentamento de surtos e epidemias de arboviroses, revelou-se ineficiente. Unir esforços para trabalhar os determinantes sociais de saúde que expõe as pessoas ao adoecimento pelos arbovírus deve constituir em iniciativa do governo para a promoção da saúde.⁴ Repensar os modelos tradicionais de combate ao *Aedes aegypti*, pautados predominantemente no uso de produtos químicos e na prática individual do Agente de Combate as Endemias (ACE) se torna urgente.

Os ACE são trabalhadores da saúde integrantes das equipes de zoonoses em todo território nacional, a eles é atribuída a tarefa de agir no controle de várias doenças transmitidas por vetores, o que exige uma multiplicidade de conhecimento para atuarem com qualidade e êxito.⁵ Tal fato traz implicações no contexto da formação profissional, uma vez que se desejam mudanças nas práticas atuais de controle do vetor é preciso ressignificar o contexto da formação dos ACE para que um novo olhar acerca da complexidade da tríplice infecção aconteça no Brasil.⁶

A Eco-Bio-Social (EBS) se constitui numa abordagem ecossistêmica, um campo atual de conhecimento e práticas inovadoras⁷, que é recomendada pela Organização

Pan-americana de Saúde (OPAS) como uma estratégia integrativa de controle de vetor ⁸, de baixo custo ⁹, a ser incluída no Programa Nacional de Controle da Dengue (PNCD). Reúne seis princípios: Transdisciplinaridade, Pensamento Sistêmico, sustentabilidade, Equidade social e de gênero, participação social e conhecimento para ação; que defende práticas mecânicas de controle do mosquito desencorajando o uso de produtos químicos que agridem o meio ambiente e a saúde humana. ¹⁰

O conhecimento para ação está inserido na área estratégica Educação e Formação, em que pessoas de diferentes níveis acadêmicos e sociais deverão contribuir para a construção de conhecimentos no campo da ecosaude a fim de que, a abordagem EBS possa ser aplicada, apoiada pela gestão e fortalecida junto à comunidade. ⁷

A atuação do ACE exige conhecimento teórico e prático contínuo e de qualidade para que atuem no controle do vetor eliminando criadouros e focos do mosquito, envolvendo a população por meio de práticas educativas, participativas e colaborativas que promovem o cuidado com o domicílio e o meio ambiente, unindo assim esforços para controlar as arboviroses e promover a saúde. ¹¹

Há baixa oferta de cursos de formação inicial para os ACE, o que exige das autoridades governamentais políticas de formação para a atuação da categoria no controle do *aedes aegypti* ⁵, haja vista a complexidade das arboviroses e a possibilidade da introdução de novas tecnologias para o controle do vetor.

Diante desse contexto, objetivou-se analisar as reflexões dos agentes de combate as endemias sobre a inovação na prática de controle vetorial. Espera-se contribuir para reflexões e práticas com enfoque em abordagens ecossistêmicas, que tragam respostas para o controle do *Aedes aegypti*.

DESENVOLVIMENTO

Estudo descritivo, exploratório, qualitativo com enfoque na interpretação dos discursos, construção de saberes e transformação de práticas por meio da inter-relação entre atores sociais. ¹²

Realizado em Fortaleza, Ceará, em quatro áreas delimitadas de bairros distintos com históricos de maior incidência de dengue e chikungunya. Os participantes foram 20 ACE, servidores públicos municipais que atuam no controle do *Aedes aegypti*. No momento do estudo, realizavam as ações entomológicas da pesquisa “Ampliação de Intervenções

Inovadoras e Vigilância para prevenir e controlar as doenças transmitidas pelo *Aedes aegypti*”.

A pesquisa desenvolveu e ofertou um curso de formação para os ACE intitulado “Controle do *Aedes aegypti* através da abordagem Eco-Bio-Social”, pautado nos princípios norteadores da EBS, fomentou discussões para que os sujeitos pudessem desenvolver baseado em suas experiências no campo da prática profissional, novas perspectivas de controle do vetor a partir de uma abordagem educativa, participativa e sustentável.

Como critério de inclusão, os ACE tiveram que participar do curso ofertado pelos pesquisadores no período de junho a julho de 2018. A coleta de informações ocorreu de junho a agosto de 2018, a partir de entrevistas individuais semiestruturadas guiadas pelos seguintes tópicos: a) Importância e contribuições da formação para a prática de controle do vetor *Aedes aegypti*; b) Conhecimentos relevantes, novos aspectos e aplicabilidade da abordagem EBS para o controle vetorial; c) Importância e resultados esperados da formação para o controle do vetor a partir da abordagem EBS.

As entrevistas foram agendadas conforme conveniência dos participantes e gravadas por meio do mini gravador Sony ICD - PX 240. Ocorreram nos pontos de apoio (PA) dos distritos de endemias, situados nos territórios de trabalho dos participantes.

A organização das informações se deu mediante a análise temática de Bardin segundo as fases: 1) leitura flutuante, 2) constituição do corpus, 3) exploração do material (busca de semelhanças e contradições nas falas), 4) tratamento e interpretação das informações (construção das categorias e discussão dos resultados).¹³ A fundamentação teórica baseou-se na Abordagem Eco-bio-social.¹⁴

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará (UECE) mediante o parecer, n.º 2.248.326. Utilizou-se um código alfanumérico para manter o anonimato dos participantes, com a sigla ACE seguida de números arábicos em ordem crescente.

RESULTADOS

As idades dos participantes situaram-se na média de 44 anos, sendo a menor idade 34 e a maior 57 anos. O tempo de trabalho foi em média de 16,5 anos, o menor tempo de atuação foi de nove anos e o maior de 24 anos. Os ACE são predominantemente do sexo masculino (18) com escolaridade referente ao ensino médio completo (18). Grande parte deles (14)

relatou nunca ter participado de uma formação que os preparassem para atuar no controle do *Aedes aegypti*.

Os discursos foram explorados e organizados em categorias, a partir da interpretação das falas dos participantes ao expressarem acerca da inovação na prática de controle vetorial a partir do referencial da abordagem eco-bio-social.

INOVAÇÃO NA PRÁTICA DE CONTROLE VETORIAL A PARTIR DO REFERENCIAL DA ABORDAGEM ECO-BIO-SOCIAL

Os ACE mencionaram que a formação EBS trouxe novos conhecimentos e práticas para o controle do *Aedes aegypti*, a partir da integração de atividades que envolvem a participação da comunidade, parcerias intersetoriais e ações de proteção aos ambientes naturais: *O novo para mim é que há uma tendência para que as coisas aconteçam sem estar agredindo o meio ambiente, como vem sendo feito de muito em muito tempo. Nós podemos fazer algo diferente sem ter que de ano em ano ta vendo epidemias e agredindo toda a natureza (ACE-11).*

O uso dos inseticidas é desencorajado pela abordagem EBS, tendo em vista que interfere na dinâmica natural dos ecossistemas e traz prejuízos para a saúde das pessoas. A sustentabilidade é compreendida por Charron *et al.*,¹⁴ como um princípio ecossistêmico capaz de trazer mudanças positivas globais no que tange a saúde humana, ela defende que as ações em saúde devem acontecer de maneira a proteger os sistemas naturais, o que vai de encontro as práticas atuais de controle de vetores no nosso país; as quais vem contribuindo com o aumento da capacidade de resistência do mosquito⁸, um dos fatores que marca a persistência das epidemias no país, já que temos uma política de controle do vetor que investe fortemente na aplicação de inseticidas nos domicílios.²

Precisa-se construir junto à sociedade uma cultura de cuidado com o ambiente, promovendo ambientes saudáveis na perspectiva da redução das desigualdades ambientais que determinam o adoecimento pelas arboviroses¹⁵, de maneira que a sustentabilidade ecológica e social se complementem, este é um ponto importante da abordagem EBS¹⁴. Os ACE enfatizaram que será preciso tempo para que as pessoas valorizem o controle mecânico e biológico em detrimento do uso do inseticida. A mudança de comportamento parte do diálogo a favor das práticas de educação em saúde, de valorização dos ecossistemas naturais, assim como também do interesse do poder público em adotar tecnologias inovadoras e

transdisciplinares que priorizam a participação social e a promoção da saúde ¹⁶, embora existam conflitos de interesse na busca pelo desenvolvimento da sustentabilidade, estratégias e ações transdisciplinares devem ser elaboradas e executadas junto as partes interessadas ¹⁴: *Porque a população em si já tá viciada, num ciclo vicioso da gente sempre ter que tratar a casa dela. Pessoal chama tratamento a gente jogar o veneno [larvicida]. “Vocês vão tratar alguma coisa aqui em casa? (ACE-4)*

A informação é elemento chave para o alcance de práticas promotoras de saúde na comunidade, sendo assim o princípio do Conhecimento para ação ressalta a importância da junção dos conhecimentos de todos os envolvidos no processo de construção de estratégias de ação, é o conhecimento que move idéias e transforma realidades a partir de diferentes experiências. Este princípio é de grande importância para a saúde pública porque abre oportunidades para que todos os envolvidos participem da construção e execuções de ações destinadas a um bem coletivo. ¹⁴

É por meio da informação que se torna possível trabalhar o empoderamento e o desenvolvimento de habilidades e atitudes individuais e coletivas favoráveis à saúde humana e aos ambientes.¹⁷ As reflexões realizadas a partir das informações trazidas pelos ACE vão reforçando o reconhecimento de um saber prévio que com o reconhecimento externo tende a fortalecer esses sujeitos co-gestores com a comunidade, devido potenciais transformações ocorridas.

A abordagem EBS busca agregar conhecimentos de diversos campos disciplinares na tentativa de alcançar o controle vetorial. A Transdisciplinaridade, a união de diversos conhecimentos, incluindo o conhecimento popular permite o surgimento de novos conhecimentos e teorias que convergem discussões em torno de problemas comuns, como é o caso das arboviroses dengue, zika, chikungunya ¹⁴: *A proposta de reunir e mobilizar diversos setores, nós profissionais, os agentes de saúde, a população, as pessoas responsáveis pela área. Formar um conjunto para atuar na solução de problemas como a dengue, a Zika e a Chikungunya (ACE-3).*

As bases da promoção da saúde defendem integrar diversas ações intersetoriais capazes de impactar políticas públicas de equidade em saúde que minimizem as desigualdades sociais, ambientais e econômicas entre as pessoas, a abordagem EBS cria uma rede complexa de atores sociais em prol da promoção da saúde. ^{14,4}

A formação despertou nos participantes a união e o trabalho em equipe, ela foi capaz de proporcionar um ambiente de troca de experiências e vivências reais de vida, um momento

de encontro, de permitir conhecer o outro, de valorizar o que cada um carrega e o que cada um pode ofertar de melhor para atuar no trabalho. O novo abre, porém, novos horizontes e possibilidades de transformação ¹⁸: *Por que a questão do controle do Aedes ele não inclui só o ACE, ele inclui o ACS, o mobilizador, despertou buscar mais. (...). Buscar juntar mais os profissionais para tentar resolver o problema do local (ACE-15).*

A formação EBS os despertou para a importância de uma educação transdisciplinar a qual valoriza a integração de conhecimentos e profissionais para a compreensão de ações em prol da promoção da saúde e do controle do *Aedes aegypti*. Essa transdisciplinaridade trazida pela abordagem EBS contribui com a compreensão ampliada do conceito de saúde ¹⁴ se fazendo necessária para o êxito nas ações de controle do vetor. ¹⁹

O ACE-18 relatou que a formação os aproximou dos ACS, já que o diálogo entre os ACE e os ACS não acontecia, embora compartilhem o mesmo território de trabalho: *Despertou em mim foi o trabalho em equipe. Porque assim, eu trabalho, mas eu nunca precisava dos ACS, eu nunca perguntava nada a eles, só se passava se falavam e hoje não, eu me encontro com os meninos aqui que também fizeram o curso, eles repassam as coisas pra mim.*

Estudo realizado por Souza *et al.*, ¹⁶ traz em seus resultados que os ACS não se envolvem nas atividades de educação em saúde para o controle das arboviroses, por acreditarem que não lhes cabe a responsabilidade de dialogar com a comunidade sobre a problemática. Este distanciamento é trazido por outro autor como uma fragmentação do objeto de trabalho construída socialmente. ²⁰

O envolvimento das pessoas sejam elas comunidade, profissionais de saúde, pesquisadores e gestores; e a forma como elas interagem são fundamentais para o desenho de um sistema complexo que compreende a dimensão de pensamentos sócio-culturais, ecológicos, econômicos e de governança necessários para o enfrentamento de um determinado problema. ¹⁴

Os agentes acreditam que o curso os capacitou para envolver a comunidade nas ações de controle do *aedes aegypti* e que a inovação do curso encontra-se nos conhecimentos sobre os princípios da abordagem EBS e na valorização da participação social e do profissional de saúde: *O que trouxe de inovador foi o conhecimento, a participação da população com a gente e a valorização do nosso trabalho, de olhar para a gente não como uma máquina de trabalho, mas olhar para a gente como ser humano (ACE-19).*

Basso *et al.*,²¹ demonstrou que a participação da comunidade assume um papel de destaque no controle do *Aedes aegypti*, partindo da eliminação de potenciais criadouros, tornou-se possível a queda do número de mosquitos a custo de baixo investimento financeiro. A sustentabilidade da participação nas ações de controle do vetor também foi alcançada.

A existência de ações integradas com a comunidade traz aspectos importantes para a sociedade, no que diz respeito à organização do coletivo para o enfrentamento das doenças transmitidas por vetores. Embora o engajamento da comunidade seja um ponto de destaque na carta de promoção da saúde de Ottawa ⁴, é preciso despertar a participação social naquelas pessoas que vivenciam e contribuem com a existência do problema bem como as que são afetadas e assim se mostram capazes de provocar mudanças.

São estas pessoas implicadas no problema que deverão ser motivadas e engajadas nos processos participativos com a finalidade de auxiliá-las a alcançar melhorias para a saúde humana e do meio ambiente. Assim, potencializamos o alcance da sustentabilidade, por meio de processos participativos e tomadas de decisão mais democráticas e com maiores chances de serem efetivos. O conhecimento é a ponte que leva as pessoas ao empoderamento e a sustentabilidade ecológica e social. ¹⁴

O curso promoveu aproximação entre os participantes, levantando reflexões em torno do envolvimento da comunidade, demais profissionais de saúde e órgãos municipais e privados em prol da problemática arboviroses: *Porque hoje eu tenho outro pensamento a respeito do meu trabalho. Hoje eu sei que eu sou importante para a comunidade. A comunidade precisa de mim e eu sei também que eu não devo mais ter aquele pensamento de que estou só, preciso trabalhar junto à comunidade... A questão da união, trabalhar em parceria com as pessoas, os órgãos, os profissionais. Para mim isso foi importante* (ACE-20).

A participação da comunidade nas atividades de controle do *Aedes aegypti* deve ser movimentada através de alianças sociais, acadêmicas e políticas, e a participação intersetorial deve se dá por meio do desenvolvimento de atividades sustentáveis com enfoque ecossistêmico para que o fortalecimento das ações de todos os envolvidos nas práticas de controle vetorial sejam alcançadas. Elas constituem em atividades de controle sustentável que minimiza e ou soluciona o problema das arboviroses e seu impacto na saúde da humanidade dentro do que propõe a carta de promoção da saúde de Ottawa e a abordagem EBS. ²²

Os ACE esperam como resultados da formação EBS para o controle do *Aedes aegypti* a redução do número de foco e menor incidência das arboviroses, contando com a comunidade para isso: *Eu espero que os índices diminuam bastante, a questão do pessoal*

adoecer, dos surtos, epidemias... não vai zerar porque não zera...nós vamos ter um certo controle a partir da comunidade. Eu espero que o nosso método de trabalho mude... Espero que essa nossa abordagem seja expandida para todo Brasil (ACE-20).

A formação consistiu numa oportunidade para que os agentes fossem capacitados pela primeira vez quanto aos aspectos ecológicos, biológicos, políticos e sociais que perpassam a problemática das arboviroses. Alguns ACE estavam sendo capacitados pela primeira vez após mais de 10 anos de atuação no campo do controle vetorial.

O agente se mostra implicado na dialética da aprendizagem e reconhece o conhecimento como elemento significativo na sua vida, o que dará a ele ferramentas que caminham para a transformação por meio da sua própria ação.¹⁸ O conhecimento para ação é um processo dinâmico e iterativo que compreende a (re) construção, o diálogo e a troca entre um coletivo que atua na materialização do conhecimento na prática. Este conhecimento se conecta a um campo de conhecimentos que envolvem a saúde pública.¹⁴

A fala do ACE-20 expressa o desejo de que o trabalho atual focal de combate ao *Aedes aegypti* seja repensado diante o insucesso dos métodos atuais do controle do vetor instituídos pelo PNCD.² Eles colocam que o controle vetorial realizado por eles hoje se encontra desatualizado, e que a abordagem EBS traz em sua base uma sobreposição de ações intersetoriais, participativas e sustentáveis que acreditam trazer resultados satisfatórios para o cenário complexo de controle do *Aedes aegypti*.¹⁴

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação em abordagem EBS proporcionou aos ACE novas perspectivas para o controle do *Aedes aegypti*, por meio da exploração dos seis grandes princípios responsáveis pela sua caracterização. Estes princípios introduzem no cenário atual de complexidade da tríplice infecção, oportunidades inovadoras para prática cotidiana de trabalho dos agentes, que se revelaram desmotivados e desacreditados diante a permanência do vetor. A ausência de formação teórico prática coloca a categoria numa situação de desqualificação técnica diante os determinantes sociais e as iniquidades existentes que marcam a magnitude do problema arboviroses. Os agentes necessitam de conhecimento para exercer as atividades educativas junto à comunidade e para desenvolver habilidades de comunicação junto a população, para que esta possa sentir-se envolvida e responsável pelos espaços coletivos.

A participação social a qual inclui o envolvimento de tomadores de decisão, população, profissionais de saúde e pesquisadores, foi relatada pelos agentes como um dos nós para o controle do vetor atualmente, uma vez que ela envolve interesses diversos por parte dos atores implicados, podemos dizer que este é um dos nossos grandes desafios.

O estudo apresenta como limitação uma formação ofertada para um grupo de 20 ACE, participantes da pesquisa. Dessa forma, recomenda-se que a formação em abordagem EBS seja apresentada a todos os ACE do município de Fortaleza/CE, para que também tenham a oportunidade de refletirem sobre novas estratégias e tecnologias de controle do vetor. Este momento de construção proporcionado pela formação pode ser discutido junto a tomadores de decisão com a finalidade de, avaliarem o cenário emblemático das arboviroses no município e a partir disto, repensarem coletivamente mudanças no trabalho de campo destes trabalhadores em saúde.

REFERÊNCIAS

1. VALLE, D. Sem bala mágica: cidadania e participação social no controle de *Aedes aegypti*. *Epidemiol. Serv. Saude* [Internet]. 2016, Jul/set [cited 2020 Abr 10]; 25 (3): 629-632. Available from: <http://scielo.iec.gov.br/pdf/ess/v25n3/2237-9622-ess-25-03-00629.pdf>.
2. BARRETO, ML *et al.* Sucessos e fracassos no controle de doenças infecciosas no Brasil: o contexto social e ambiental, políticas, intervenções e necessidades de pesquisa. *The Lancet* [Internet]. 2011, Mai 9 [cited 2020 Abr 11]; 3(Sn): 47-60. Available from: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/artigos/artigo_saude_brasil_3.pdf.
3. CAVALCANTI, LPG *et al.*, Trinta anos de dengue no Ceará: história, contribuições para ciência e desafios no cenário atual com tripla circulação de arbovírus. *J. Health Biol Sci* [Internet]. 2018, Set 21 [cited 2020 Abr 11]; 6 (1): 65-82. Available from: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/29731/1/2018_art_lpgcavalcanti.pdf.
4. CAPRARA, A; RIDDE, V. Zika: exposing anew the need for health promotion in Latin America. *Global Health Promotion* [Internet]. 2016, [cited 2019 June 10]; 23 (4): 3-5. Available from:

https://www.researchgate.net/publication/310834913_Zika_exposing_anew_the_need_for_health_promotion_in_Latin_America.

5. EVANGELISTA, JG *et al.* A formação dos agentes de combate às endemias no contexto da dengue: análise documental das políticas de saúde. *Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde* [Internet]. 2017, Jan/Mar [cited 2019 Jan 14]; 11 (1): 1-13. Available from:

<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1219/2101>.

6. BRASIL, Ministério da Saúde. Portaria nº 1.007, 4 maio. 2010. Define critérios para regulamentar a incorporação do agente de combate às endemias (ACE), ou dos agentes que desempenham essas atividades, mas com outras denominações, na atenção primária à saúde para fortalecer as ações de vigilância em saúde junto às equipes de saúde da família. Brasília (DF); 2010.

7. PASSOS, CJS *et al.* A perspectiva das abordagens ecossistêmicas em saúde humana (ecossaúde) nas Américas: as contribuições das comunidades de Prática. In: Caprara A, Lima JWO, Peixoto ACR(Orgs). *Ecossaúde, uma Abordagem Eco-Bio-Social: percursos convergentes no controle do dengue*. Fortaleza: EdUECE; 2013. p. 41-53.

8. BRASIL. Ministério da Saúde. Relatório da reunião internacional para a implementação de alternativas para o controle do *Aedes aegypti* no Brasil. *Boletim Epidemiológico* [Internet]. 2016, Feb 17-18 [cited 2019 Jan 10]; 47(15): 1-9. Available from:

<http://www.saude.gov.br/images/pdf/2016/abril/05/2016-012---Relatorio-reuniao-especialistas-Aedes-publica---o.pdf>.

9. ALFONSO-SIERRA, E *et al.* Innovative dengue vector control interventions in Latin America: what do they cost?. *Pathogens and Global Health* [Internet]. 2016, [cited 2019 Jan 12]; 110 (10): 14-24. Available from: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26924235/>.

10. ZARA, A *et al.* Estratégias de controle do *Aedes aegypti*: uma revisão. *Epidemiol. Serv. Saúde* [Internet]. 2016, June [cited 2020 May 14]; 25(2): 391-404. Available from:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237 .

11. FONSECA, AF. Sobre o trabalho e a formação de agentes de saúde em tempos de zika. *Trab. Educ. Saúde* [Internet]. 2016, May/Aug [cited 2019 Jan 10]; 14 (2): 327- 335. Available from: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462016000200327.
12. MINAYO, MCS. *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Ed. 14ª. São Paulo: Hucitec; 2014. 393 p.
13. BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Ed. 4ª. Lisboa: Edições70; 2010. 280 p.
14. CHARRON, D *et al.* *Ecohealth research in practice*. International Development Research Centre. Ottawa, Canada; 2012. 137 p.
15. LISITZA, A; WOLBRING, G. EcoSaúde e os Determinantes da Saúde: Perspectivas de um Pequeno Subconjunto de Acadêmicos Canadenses na Comunidade de Eco-Saúde. *Int J Environ Res Saúde Pública* [Internet]. 2018 [cited 2020 May 10]; 15 (8): 1688. Available from: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30096793/>.
16. SOUZA, KR *et al.* Saberes e práticas sobre controle do *Aedes aegypti* por diferentes sujeitos sociais na cidade de Salvador, Bahia, Brasil. *Cad. Saúde Pública* [Internet]. 2018 [cited 2020 May 14]; 34(5): 78017. Available from: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2018000505015&script=sci_abstract&tlng=pt.
17. GONÇALVES, RP *et al.* Contribuições recentes sobre conhecimentos, atitudes e práticas da população brasileira acerca da dengue. *Saúde Soc* [Internet]. 2015 June [cited 2020 May 14]; 24(2): 578-593. Available from: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902015000200578&script=sci_abstract&tlng=pt
18. FREIRE P. *Educação como prática da liberdade*. Ed. 40ª. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra; 2017. 189 p.
19. LASNEAUX, MV. O papel dos gestores e dos agentes de vigilância ambiental no controle da dengue: uma avaliação de objetivos preconizados pelo Ministério da Saúde. *Tempus, actas de saúde colet* [Internet]. 2016 Sept [cited 2020 May 14]; 10 (3): 147-159. Available from: <http://www.tempus.unb.br/index.php/tempus/about/submissions#authorGuidelines>.

20. BAGLINI, V *et al.* Atividades de controle do dengue na visão de seus agentes e da população atendida, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. Cad. Saúde Pública [Internet]. 2005 Aug [cited 2020 May 14]; 21(4): 1142-1152. Available from:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2005000400016

21. BASSO, C *et al.* Scaling Up of an Innovative Intervention to Reduce Risk of Dengue, Chikungunya, and Zika Transmission in Uruguay in the Framework of an Intersectoral Approach with and without Community Participation. Am. J. Trop. Med. Hyg [Internet]. 2017 Aug 18 [cited 2020 May 14]; 97 (5): 1428–1436. Available from:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28820690/>.

22. WAI, KT *et al.* Community-Centred Eco-Bio-Social Approach to Control Dengue Vectors: An Intervention Study from Myanmar. In: _____ Epidemiology II - Theory, Research and Practice; 2015. 260 p.